



## Educação Popular e Feminismo no Brasil

Isaura Isabel Conte\*

### Resumo

A educação popular no Brasil, ainda é tida como algo marginal, mesmo sendo aceita em algumas universidades. De forma geral, é vista como algo dos empobrecidos e empobrecidas. O feminismo, por sua vez, é mais diminuído, ainda, a ponto de não caber dentro da educação popular, porque evoca um poder popular incluindo as mulheres.

### Abstract

Popular education in Brazil is still known as something marginal, even though it is accepted in some universities. In general, it is seen as something of the impoverished people. Feminism, specially, is even less considered, to the point that it is not linked to popular education, because it evokes a popular power which involves women.

O objetivo deste artigo é possibilitar a reflexão, ou fazer a provocação entre os temas Educação Popular e Feminismo: até onde se entrecruzam? Ou... poderia-se dizer, até onde combinam? Como aparecem juntos, ou, ainda, não foram pautados conjuntamente, e, por quê?

Analisando o processo educacional no Brasil, não é nenhum pouco difícil constatar que foi, e continua sendo bastante caótico. Conforme Saffioti (1969), a educação jesuítica brasileira que vigorou até a metade do século XVIII apenas catequisava as mulheres, ensinando, em primeiro lugar, a submissão aos preceitos

da igreja, e em segundo, ao marido. Era esta a única forma do saber “oficial”, que ensinava o ler e o escrever, basicamente.

Triviños (2003), afirma que a educação brasileira tem sido, em sua grande maioria, reprodução de modelos estrangeiros, sendo de caráter raso e pouco reflexivo. Para complementar, Paludo (2001), argumenta, também, que a educação brasileira passa a ter certo valor na era Vargas, ou seja: para o desenvolvimentismo, onde as pessoas deveriam saber ler, minimamente, os rótulos de agrotóxicos, o catecismo e as instruções dos manuais das máquinas modernas que chegavam às fábricas. Fala ainda, que era nítido uma educação para os ricos, que se deu, em grande parte, fora do país, e depois, nas escolas e universidades particulares, e, outra, para a classe trabalhadora, que acontecia nas escolas públicas com poucas condições e poucos investimentos.

Diante disso, obviamente que o campo era o lugar do maior número de analfabetos, e, se fizermos o recorte com relação às mulheres, pouquíssimas não o eram. Isto, devido ao papel secundário atribuído a elas, e, a naturalização de que lugar de mulher é em casa, com a função criar e educar filhos e filhas, trabalhar muito, justificando a falta de tempo para a participação das decisões em âmbitos maiores na sociedade.

Com relação às mulheres, pode-se constatar que, foram deixadas de lado “naturalmente”, durante bom período da história. Mesmo na classe mais abastada, eram raras as que podiam sair fora do país para estudar, ao passo que para os filhos homens ricos, não havia nenhum impedimento. A elas, pelo fato de serem do sexo feminino, as restrições e o cerceamento do patriarcado<sup>1</sup>, era reproduzido automaticamente. Se não bastasse isso, as escolas e universidades que foram criadas no Brasil no século XIX, restringiam cursos e áreas de atuação. Elas foram colocadas a aprender tarefas relativas aos cuidados, e as prendas domésticas (Saffioti, 1969).

Em se tratando do campo, em grande parte, ainda é visto até os dias atuais como lugar de atraso, sendo que para este lugar, segundo Gritti (2003), eram enviados profissionais menos qualificados em educação. Aqueles, considerados

---

\* É pedagoga, militante e dirigente do Movimento de Mulheres Camponesas do Rio Grande do Sul.

<sup>1</sup> Conforme Gebara (2001), o patriarcado surge em torno de 10 000 a 20 000 mil anos atrás com domínio dos homens sobre as mulheres, colocando-as como inferiores, incapazes, impuras...

melhores, lecionavam nas cidades, porque a idéia generalizada era de que para o campo, qualquer coisa servia.

Em via de regra, os empobrecidos sempre “foram dando um jeito” de aprender entre si, tudo o que era possível e necessário para sua vivência e continuidade enquanto povo. Tais processos de aprendizados fizeram e fazem parte de sua cultura, que, também, não se pode negar que é, majoritariamente reprodutora do machismo. Dessa forma, tal cultura vai sendo construída entre homens e mulheres, sendo, algumas coisas percebidas e refletidas e outras, não. Imagino que seja por este motivo que o senso comum, constantemente, afirma que “as responsáveis de criar e educar os machistas são as próprias mulheres”. Esquece-se, entretanto, que criar e educar, inclusive, reeducar para novos valores, não é e não deve ser, tarefas delas, somente.

Segundo Brandão (1984) a educação popular nasce junto às primeiras formas e de organização das pessoas, sendo parte de seus ritos sagrados, costumes e trabalhos. E, para Nosella (1992) o que justifica a existência da educação popular, é o fato de que o povo em seus processos de lutas, pela transformação, precisa elevar o seu próprio saber. Ainda: serve para enfrentar a distribuição desigual de saberes, incorporando o saber como ferramenta de libertação do povo. Deve ser o saber da comunidade, não separada do trabalho.

Ora! Tudo isto parece ser um tanto espantoso porque, em primeiro lugar, quando se fala de educação popular, atualmente, vem a nossa cabeça, referências a partir da década de 1950. E, em se tratando de distribuição desigual de saberes, as mulheres não são lembradas como as que estão em grande desvantagem histórica: negadas de certos saberes para não terem poder. Rousseau<sup>2</sup>, considerado grande filósofo, expressava muito bem até onde poderia ir a educação das mulheres, ou melhor, não poderia. Este defendia a idéia de que as mulheres deveriam ficar restritas ao ambiente doméstico, mantendo a pureza e a santidade, sendo, guardiãs da moral da sociedade, ao passo que os homens, deveriam gerenciar o mundo público.

Sabe-se que a educação popular organizada e assumida como tal, no Brasil, ganha força e corpo a partir da 1950, mas, que com o regime militar, passa

---

<sup>2</sup> Jean-Jacques Rousseau (Genebra, 28 de Junho de 1712 — Ermenonville, 2 de Julho de 1778) foi um filósofo suíço, escritor, teórico político e um compositor musical autodidata. Uma das figuras marcantes do Iluminismo francês, Rousseau é também um precursor do romantismo. Conforme Wikipédia, ver referências bibliográficas.

a ser massacrada e clandestinizada. Então, é retomada para uma “oficialidade” ou permissibilidade, somente no início da década de 1980 e constitui vínculo importante no período de redemocratização no país.

No meu entendimento, esta retomada, que não nega suas origens, se propõe construir e consolidar práticas para avançar rumo a construção do sujeito histórico, em vista da Nova Sociedade. Possui a intencionalidade de educar para a transformação – câmbio - social. Logo: as mulheres precisam ser consideradas nas suas demandas específicas, ou os tais sujeitos continuam sendo, somente, os homens, mais uma vez, visto que, a educação popular eclode organizadamente e até em Movimento, para evidenciar a negação histórica dos aliados, daquilo que se oferece “a todos” de modo generalizado.

Surge, também, para suprir algumas lacunas como a alfabetização, mas, como é claro o objetivo de poder fazer ler o mundo, além das letras, palavras e frases, vem para tornar os não sujeitos em sujeitos, os não gente em gente. E, é aí que se faz, outra vez o recorte das mulheres, inclusive, as camponesas por serem as mais negadas do acesso a educação.

Para compreender melhor, como falar em falar em sujeitos, não significa, necessariamente, incluir as mulheres, eis a citação que segue:

Segundo Pañuelos em *Rebeldia* (2007), as mulheres, que durante a ditadura militar se encontravam exiladas na Europa, especialmente, eram proibidas de se reunirem para debater seus problemas específicos, enquanto mulheres. Eram acusadas de dividirem a luta e ameaçadas de não mais receberem ajuda financeira tanto a si, como suas as famílias necessitadas, na América Latina. Diante deste fato, nem a educação popular, ainda que clandestinizada, tampouco, a teologia da libertação, foram capazes de assumir em suas agendas de luta, as mulheres como sujeitos de fato. Se buscava combater a ditadura e construir o socialismo, mas, ousou questionar: destruir qual ditadura? Construir qual socialismo, e, para quem?

Lembremos que os debates colocados, ocorriam nos setores considerados avançados de esquerda, os quais protagonizaram lutas e resistência frente as ditaduras militares no Brasil e na América Latina. Pergunto-me: por quê tanto medo? Por quê tanta desconsideração das mulheres como gente? Algum problema em elas pensarem e exporem suas idéias? Como falar em diálogo e em

amor ao mundo<sup>3</sup>, se a metade dos sujeitos não eram considerados, tampouco podiam falar o pensavam, sentiam e projetavam?

Contudo, compreendo que a educação popular tem um compromisso com a construção do poder popular, no reempoderamento das mulheres de um poder que as constitui sujeitos com dignidade. A contribuição marxista deve ser acrescida das demandas étnicas, feministas, dos povos originários, contra os genocídios e homofobias, caso contrário, não tem razão de ser, porque continua discriminatória.

Para ser, verdadeiramente popular, deve contribuir na reconstrução da história, a qual é negada pelo pensamento hegemônico patriarcal. Precisa partir das necessidades específicas e realidades concreta das pessoas, reconhecendo o multiculturalismo e ligada a uma mística que fortaleça a esperança. Precisa quebrar com as lógicas patriarcalistas que definem papéis para mulheres e homens, naturalizando a opressão sobre as mulheres, tolhendo-lhes das possibilidades de estudo, debates, compreensão, decisões e comando.

Para evidenciar o desafio da Educação Popular frente as demandas do feminismo, que precisa ser assumido, assim como outras pautas específicas, trago a fala de uma mulher, liderança indígena do Equador<sup>4</sup> “ Vocês esperam ouvir altas teorias, mas eu estou aqui para dizer o que (nós indígenas) estamos pensando. Meu povo não sabe ler, mas escreve muito bem nos bordados, e vocês, não conseguem fazer esta leitura. Lênin falou do socialismo, e eu quero dizer que nós, já vivemos há muito tempo, comunitariamente, a solidariedade.

No pensamento que se diz revolucionário aparece, somente, a divisão e a opressão de classe. O revolucionarismo esquece do pensamento de Lênin que falava, também, da diversidade, então, porque dizem que a causa das mulheres e indígenas divide a luta? Porque falam que os indígenas estão longe de serem revolucionários e revolucionárias? Se a revolução é um câmbio, onde está? Precisamos revolucionar a educação popular senão, ela não tem sentido. Nossa sociedade não é feita de homens, brancos, intelectuais. Ela é feita de mulheres, crianças, idosos, negros, negras, indígenas, pessoas com deficiências, que muitas

---

<sup>3</sup> Conforme Freire, 1987.

<sup>4</sup> Trata-se de Blanca Chancosa , do centro de resistência Dolores Cuacango, por ocasião do Seminário Iationamericano e caribenho de Educação Popular que aconteceu em de 03 a 05 de outubro de 2007, na Escola Nacional Florestan Fernandes SP.

vezes, consideradas cegas são capazes de enxergar mais longe do que os estudiosos que escrevem suas teorias”.

Pelo que se sabe, o feminismo, no Brasil, foi pautado, já desde a década de 1920, no entanto, a educação popular não o considerou, ou o considerou de forma muito aquém do que deveria. A Educação popular é em vista de criar e fortalecer o poder popular. O feminismo, vem para evidenciar, criar e fortalecer o empoderamento das mulheres. O que teria de contraditório em fazer esta junção?

Se este artigo conseguiu fazer, ao menos algumas provocações ou mexeu em algumas idéias cristalizadas, já cumpriu o seu papel em vista de uma Educação Popular que não discrimina as mulheres. Quem disse que a educação popular não é alienada de certos debates?

#### Referências Bibliográficas:

- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Educação Popular. São Paulo. Brasiliense, 1984
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro. 32ª ed. Paz e Terra, 1987.
- GEBARA, Ivone. Cultura e Relações de Gênero. Seminário do Cepis. São Paulo. Instituto Cajamar, 2001.
- GRITTI, Silva Maria. *Educação Rural e Capitalismo*. Passo Fundo, UPF, 2003.
- MÉSZÁROS, István. *Para Além do Capital*. São Paulo. Boitempo, 2002.
- NOSELLA, Paolo. *A Escola de Gramsci*. Porto Alegre. Artes Médicas Sul, 1992.
- PALUDO, Conceição. *Educação Popular em Busca de Alternativas*. Uma leitura desde o campo democrático popular. Porto Alegre. Tomo Editorial, 2001.
- PAÑUELOS EN REBELDÍA. *Hacia una Pedagogía Feminista*. Generos y educación popular. Buenos Aires. América Libre, 2007.
- SAFFIOTI, Heleieth I. B. *A Mulher na Sociedade de Classes*. Mito e realidade. São Paulo. Livraria Quatro Artes Editora, 1969.
- TRIVIÑOS, Nivaldo Silva. *A Formação do Educador como Pesquisador*. Porto Alegre. Editora da UFRGS, 2003.
- [wwwhttp://pt.wikipedia.org/wiki/Jean-Jacques\\_Rousseau](http://pt.wikipedia.org/wiki/Jean-Jacques_Rousseau) acesso em 14/12/2008.